

## *Identidade!*

Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB

Vol. 02, n. 02, maio-agosto/2001

Apoio: Federação Luterana Mundial

Periodicidade: quadrimestral

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Ricardo Brasil Charão

(rcharao@terra.com.br)

Programação Visual: Jaqueline Oliveira

(jackieo@terra.com.br)

Responsáveis editoriais:

Peter Theodore Nash, Ph.D.

Ricardo Brasil Charão

Endereço para contato:

Boletim Identidade

Escola Superior de Teologia

caixa postal 14 - 93001-970

São Leopoldo - RS

E-mail: [identidade@est.com.br](mailto:identidade@est.com.br)

Sites: [www.est.com.br](http://www.est.com.br)

<http://planeta.terra.com.br/servicos/jackieo/identidade/>

Obs.: É de total responsabilidade dos autores os conteúdos e textos por eles escritos.

Imagens selecionadas em sites da Internet.



Mais um número do Boletim Identidade está "saindo do forno" e chegando quentinho as suas mãos cheio de novidades. Neste número, continuamos a priorizar a hermenêutica bíblica negra e suas contribuições para a teologia e a Igreja. Assim sendo, você lerá a terceira e última parte dos artigos de Peter T. Nash e Günter Padilha sobre este tema. Uma valiosa contribuição nos é dada por Maricel López, com uma perspectiva negra e feminista da Bíblia. Esperamos, desta forma, estar contribuindo para uma profunda discussão sobre a relação entre fé cristã e o mundo afro-descendente brasileiro. Se você tiver, sugestões, críticas, e comentários ou simplesmente desejar informações, entre em contato conosco. No próximo número estaremos iniciando uma sessão "cartas". Da mesma forma, se você desejar receber nosso Boletim por via eletrônica, envie-nos um e-mail com seu endereço eletrônico, para que possamos inclui-l@ em nossa mala direta. Desejamos a você uma abençoada e proveitosa leitura, na esperança de que estejamos contribuindo para um mundo mais justo e solidário, onde todos os seres humanos sejam respeitados e valorizados como filh@s do Deus da Vida.

*Ricardo Brasil Charão - resp. editorial*

## Notícias

- O Professor Peter T. Nash, coordenador do Projeto Negritude na Bíblia e na Igreja está saindo, a partir de setembro, para seu semestre sabático, retornando em meados de janeiro de 2002. Ele irá para a Alemanha onde poderá escrever um livro sobre Hermenêutica Bíblica Negra e ministrará aulas na Alemanha, Suíça e Noruega. Aguardamos ansiosos os resultados de suas pesquisas. Nossas atividades, nesse ínterim, prosseguem normalmente. Desejando entre em contato conosco por e-mail ou telefone.

- Alguns companheiros estão concluindo seu curso e ao final deste semestre nos deixarão. Contudo, um pouco mais da contribuição deles nós poderemos ter nos próximos números do Identidade.

8.01.01E.2 ES  
2009059

A leitura negra e feminista da Bíblia surge da necessidade de ler os textos bíblicos a partir de nossas próprias experiências comunitárias de fé. Ela se preocupa em primeiro lugar pelas situações concretas de racismo, sexismo, classismo e anti-semitismos que marcam as experiências de vida das oprimidas de nossas sociedades. Estas são experiências de vida que transparecem nas práticas cotidianas das comunidades negras que motivam minhas reflexões. Gostaria de ajudar na busca de sentido das nossas experiências humanas para juntas e juntos tentar superar as injustiças, desigualdades, opressões de nossas sociedades. Para apontar caminhos de construção de relações sociais que garantam a dignidade de vida para todas as pessoas. Para tanto apresento brevemente algumas considerações sobre a participação das mulheres negras na história israelita e cristã e, alguns elementos que nos ajudam a seguir pensando e aprofundando a caminhada hermenêutica negra e feminista.

Estas figuras se convertem em referências de interpretação para muitas mulheres que releem os textos bíblicos desde uma ótica negra e feminista. Personagens que participaram nas lutas pela emancipação da escravidão: Anastácia no Brasil, "mamá" Tingó, na República Dominicana, Anacaona em Haiti, entre outras, nos ratificaram as lutas das mulheres nos processos de escravidão e libertação. Tanto as mulheres bíblicas como as pós-bíblicas têm em comum sua participação dentro da história da humanidade. Só que esta participação sempre foi silenciada ou mal interpretada.

A primeira e mais estudada das mulheres bíblicas é a escrava egípcia Agar. Ela ao ser oprimida e discriminada pela sua raça e pela sua condição de escrava é um paradigma de luta para as mulheres pobres e negras da América Latina e Caribe. Embora ciente de seu importante papel como portadora de um projeto ético, político e ideológico, ao lutar e garantir para seu

## 1 Mulheres negras na tradição israelita e cristã

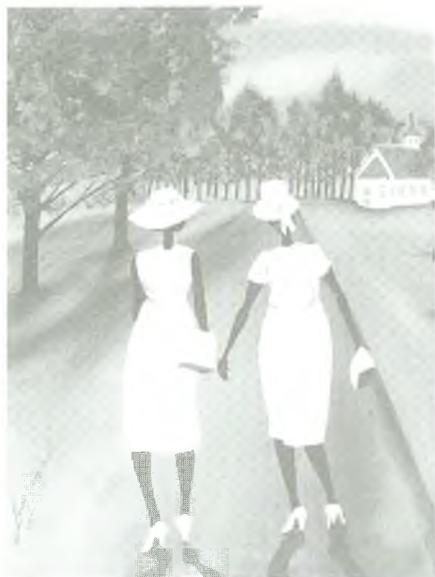
As referências bíblicas sobre a terra de Cuch ou Etiópia, como eram designados os povos negros na Bíblia, são numerosas e significativas (Gn 2.20-14, Gn 9.18-27, Is 11.11, Is 18.1-2, Am 9.7, Sof 1.1, Jó 28.18-19). No entanto, as alusões específicas às mulheres negras, em relação ao conjunto das mulheres bíblicas, são poucas. Mas elas sempre aparecem em momentos significativos da história israelita. As figuras femininas que confirmaram a participação das mulheres negras na história israelita e cristã, são: a escrava Agar (Gn 16 e 21); Séfora, a mulher de Moisés (Nm 12.1); a sulamita do Cântico dos Cânticos (Ct 1.5); a rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13) e a rainha Candace (At 8.26-40).



filho um lugar dentro da sociedade israelita, quero priorizar as outras mulheres pois elas têm sido pouco estudadas. Assim, a memória do casamento de Moisés com uma mulher estrangeira, das regiões do Sul, Séfora (Nm 12.1-10) seria a responsável pelo castigo de Maria, irmã de Moisés. Maria foi castigada com lepra por murmurar contra seu irmão "por causa de uma mulher cuchita" que desposara. Esse castigo, que antes que nada quer erradicar qualquer sentimento de xenofobia nas origens do povo, é invertido para a justificação de ideologias racistas. A figura da Sulamita, mulher negra protagonista do mais belo poema de amor existente na Bíblia Hebraica (Ct 1.5), tem servido para a condenação do erotismo, sensualidade e beleza dos corpos das mulheres negras, quer dizer, para a justificação de ideologias racistas, sexistas e classistas. Por exemplo, Orígenes analisa a frase "sou negra porém formosa" da seguinte maneira: "Negra pela ignomínia da raça, porém formosa pela penitência e a fé"; "negra pelo pecado, porém formosa pela penitência e os frutos da

penitência." Contudo, a crítica textual ao possibilitar a descoberta do sentido original dos textos, nos permite a recuperação da identidade das mulheres negras. A frase tradicionalmente conhecida como "sou negra porém formosa" foi traduzida pelas mulheres como, "sou negra e formosa." A partícula conjuntiva (e) do texto hebraico original, ajuda-nos a recuperar a idéia original do texto. A partir dali, nós mulheres negras vemos um caminho interessante para a recuperação da auto-estima, da beleza de nossos corpos negros.

A rainha de Sabá por sua vez, além de ser uma figura importante para as mais diversas tradições, (iemenita, judaica, etíope, cristã) tem sido vista quase sempre como uma figura folclórica e como o mais claro exemplo de submissão e legitimação do projeto monárquico de Salomão pelas mulheres. Ela é condenada até mesmo por muitas mulheres que vêem nela uma mulher sem projeto político, como uma figura decorativa do patriarcado. Essas interpretações têm conotações ideológicas que desvalorizam o legado da sabedoria negra e feminina no Israel antigo. Será que não é libertador o fato de termos uma monarca negra e estrangeira com poder e sabedoria similar a do "grande monarca" Salomão? Será que não é interessante perceber o aporte cultural e religioso dos povos africanos como forma de descentralizar o Javismo israelita? Considero estes elementos importantes na busca de um cristianismo plural que respeite o direito de ser e sentir como negras ao longo de nosso continente. No Novo Testamento temos ainda uma outra rainha, tratasse de Candace, a rainha da Etiópia. Esta figura não tem sido importante para os pesquisadores neotestamentários, na maioria dos estudos ela é desapercibida. Toda a atenção é dada ao ministro eunuco. Ao reconhecer seu lugar de procedência, Etiópia, o texto de Atos 8.26-40 foi interpretado teologicamente como cumprimento messiânico. Assim, a fé em



L. Campbell, Ushers of the Church

Jesus é universal para todos os povos. Contudo, perguntamo-nos pela relevância do texto para as comunidades negras: será que deve ser entendido somente como um texto messiânico? Será que a inclusão destes povos ao cristianismo não é mostra também de um cristianismo ecumênico que respeita a diversidade religiosa e cultural? Por que sendo assumidos neste projeto libertador ainda hoje somos excluídas a partir de mentalidades colonialistas, sexistas, racistas e classistas?

## 2. Para seguir pensando numa hermenêutica negra e feminista

No intuito de recuperação de nossa herança bíblica, a leitura negra e feminista, deseja que o cristianismo e a Bíblia sejam desocidentalizados. Ao tentar resgatar os textos bíblicos de sua unilateral interpretação ocidental, queremos recuperar a participação das mulheres e povos africanos na história israelita e cristã. Ao incorporar a participação das mulheres negras tão marginalizadas e silenciadas pela tradição, queremos propiciar uma pista de entrada na recuperação cultural e religiosa das tradições de nossos povos. O recuperarmos não somente a história de escravidão senão também a história de um povo que tinha riquezas, se quer proporcionar um espaço de denúncia e resistência. De denuncia porque sendo um

povo rico vivemos hoje em miséria graças às ideologias colonialistas, escravistas e racistas. De rainhas passamos a ser escravas, cozinheiras, mal assalariadas, trabalhadoras noturnas e mães solteiras. Espaço de resistências cultural e religiosa, pois nestes textos vemos como as mulheres resistem e inventam estratégias para resistir ao patriarcado. Além disso, vemos importantes elementos para a recuperação de nossa auto-estima. Assim, somos chamadas a denunciar, a desvelar os mecanismos através dos quais se produzem e reproduzem a dominação das mulheres e dos povos negros nos processos históricos de resistência social. Contribuímos assim ao resgate das memórias de luta como fontes de ânimo e vontade histórica de mudanças sociais. Assim, novos caminhos, novas linhas de leitura que apontem à pluralidade religiosa e cultural ajuda-nos a seguir sonhando com uma vida melhor para nossas mulheres ao longo do continente. Em última instância, a hermenêutica negra e feminista da Bíblia quer propiciar um espaço aberto e inacabado em que outras vozes e práticas encontrem seu reconhecimento como construtoras de cultura e conhecimento.

\* A autora, Maricel Mena López é colombiana, e atualmente faz doutorado em Antigo Testamento na UMESP.

## Quando Falar em Negritude na Bíblia

Peter T. Nash, Ph.D.\*

*Tudo tem o seu tempo determinado,  
e há tempo para todo propósito  
debaixo do céu (...).* Eclesiastes 3.1

Já escrevi neste espaço sobre porque e como falar em Negritude na Bíblia. Por que? Porque ela faz parte da realidade do povo do mundo antigo na região que a

gente hoje chama de Terra Santa. Como? Com muito carinho e com muita atenção aos detalhes que são muitas vezes esquecidos ou ignorados, apesar de serem óbvios nos textos. Nesta última parte da série, vou escrever sobre quando falar em negritude na Bíblia. Esta, talvez, seja a parte mais pastoral e também, mais crítica.

Por isso, *em primeiro lugar* preciso deixar bem claro que ninguém está dizendo que os textos se preocupam com raça ou cor da pele. Nem está sendo colocado que o Evangelho dê preferência a uma "raça" em detrimento de outra. Os textos bíblicos se preocupam com o interagir de Deus com toda a criação; para nós, o que é central é o interagir entre Deus e seres humanos. É com este fato que nos preocupamos quando lemos os textos bíblicos, com as pessoas e como elas perceberam e entenderam as ações de Deus. Este fato implica, então, que tomamos conhecimento das culturas, das crenças e dos conhecimentos do povo envolvido nos textos veterotestamentários.

A conjuntura de como as personagens das histórias entenderam e enfrentaram seu mundo, nos diz muito sobre sua percepção de si mesmas e do próprio Deus. Este é um pressuposto básico do método histórico-crítico ou simplesmente do estudo histórico de qualquer texto. No máximo, o que alcançaremos é nos inserir no mundo e cosmovisão d@s atuantes antigos para melhor entender "o que é que eles entenderam" a fim de nos guiar em nossas tentativas de melhor entender a vontade de Deus em nossos tempos.

Isto nos leva a reconhecer que a própria cultura do povo bíblico tem a ver tanto com seu relacionamento, quanto com seu entendimento intelectual de quem era Deus. Também significa que a maneira pela qual @ leitor@ modern@ entende a cultura do AT, e depois do NT, irá modificar como el@ entende o seu próprio interagir anterior com Deus. Quando entendemos os israelitas como um povo mais ligado às culturas que vieram após eles, como as culturas Grega e Romana, ou então as européias, o povo israelita será entendido, conscientemente ou não, como um povo mais ocidentalizado e não bem diferente de hoje. Por outro lado, quem entender os israelitas como um povo mais ligado com as

culturas circundantes, anteriores e contemporâneas, terá uma outra visão deles, bem distinta.

Em nenhum destes casos é necessário perder o fio vermelho do interagir gracioso de Deus com a sua criação dentre ela, os seres humanos. Acredite eu, que o povo do AT foi um povo AFRO-asiático, talvez melhor, AFRO-israelita. Como já expliquei, no artigo anterior desta série, os dados não apóiam um povo israelita de pele clara. De fato, muitas histórias guiam @ leitor@ para a conclusão que África era a terra originária de vários acontecimentos e costumes do AT.

Negritude então, é *um* elemento em alguns textos e um pressuposto cultural presente em quase todas as narrativas bíblicas até o fim do Exílio (+/-538 a.C.) e a entrada dos Persas na história sagrada. Os Persas foram o primeiro povo não afro-asiático que conseguiu dominar a Terra Santa. É a partir de uma ótica negra e



Batismo - "I Baptize Thee", William H. Johnson

africana que vamos entender costumes como o empréstimo de um filho (no caso de Abrão e Ló em Gn 12-13), o levirato, ou às vezes, a chamada herança da viúva (nos casos de Rute e Boaz, e de Judá e Tamar em Gn. 38). Com este prólogo, começo por elaborar três momentos nos quais devemos falar em negritude na Bíblia.

Devemos falar em negritude na Bíblia quando:

*...Nos encontramos nas instituições acadêmicas:* Uma discussão animada e franca é necessária para que se tenha uma academia honesta e viva que trabalha com "os fatos como eles são". Talvez serão encontradas algumas outras explicações melhores, mas as faculdades de teologia não podem mais continuar fingindo não perceber os buracos enormes na lógica que pressupõe um mundo veterotestamentário "clarinho".

*...Pretendemos fazer uma prédica baseada numa boa exegese do texto e contexto das pessoas que viviam as histórias que são o fundamento de nossa fé cristã:* Isto faz diferença sim. Temos problemas no Brasil com as culturas dos povos de pele escura. Várias vezes este preconceito é enganosamente baseado na pressuposta separação rigorosa das "raças" no AT. Trechos tais como Esdras 10 são entendidos como justificativa para um afastamento de qualquer estrangeiro ou estranho. Mas lendo a Bíblia com um olhar sobre as uniões *exogâmicas* (casamento fora do grupo), podemos ver que não houve nenhum desprezo para com as pessoas de pele escura na Bíblia: o grande herói do AT e fundador da fé israelita, Moisés, se casou com uma negra, uma africana etíope. José se casou com uma princesa africana da família sacerdotal no Egito. Sabendo disso, como podemos desprezar uma pessoa por causa da cor da sua pele ou por causa de costumes? Com certeza, isto não é o que nossas Escrituras nos ensinaram.

*...Quisermos entregar a Palavra de Deus em*

*qualquer contexto que inclua afro-descendentes,* especialmente com aqueles e aquelas que já estão habituados a se sentir excluídos da história bíblica. Tantas vezes nossos pressupostos equivocados sobre a cara do povo bíblico nos levaram a pregar um evangelho que ataca os povos negros, ou simplesmente aquelas pessoas que parecem ser diferentes de nós, em vez de convidá-las a si reconhecer nas histórias bíblicas. A igreja ocidental, esquecendo que ela é apenas uma parte da igreja católica (= universal), expulsa negros para fora de sua própria história e reconta a história israelita numa forma branqueada, como se fosse uma pré-história europeia. A tarefa, então, é encarar o mundo bíblico com um olhar no sentido da África, seu berço, em vez da Europa, seu filho adotivo.

Quando não devemos...?

Existem pessoas que dirão que qualquer conversação sobre a etnia dos povos e dos indivíduos na história bíblica é uma ameaça ao evangelho. Entendo o medo desta gente. Estas pessoas acreditam que as coisas estão tranqüilas com a proclamação do Evangelho e não devemos mexer com questões polêmicas. Outras pessoas acham que discussões como estas fomentarão uma divisão desnecessária entre as pessoas que acham que a Bíblia "não tem cor" e aquelas que acham que "tem sim". Mais ainda, aquelas que acham que a Bíblia tem cor, vão discordar sobre qual seria a sua cor. Além do fato do AT ter várias cores e culturas, sempre é importante lembrar que a "cor da Bíblia" é importante somente na medida em que ela nos ajuda perceber a profundidade do amor de Deus pela sua criação. Quando a "cor da Bíblia" se torna um substituto do próprio Evangelho, ela se torna um impedimento à proclamação e recepção das boas novas.

Também há pessoas que encontram-se tão sofridas com a forma "falsificada" do evangelho europeizado que elas gostariam de ter uma Bíblia totalmente negra e africana. Isto também não serve ao Evangelho. Cometer um erro assim seria a mesma ofensa que os europeus fizeram quando se inseriram nas imagens dos

patriarcas e dos cristãos e cristãs primitiv@s.

\* Peter T. Nash é professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas na Faculdade de Teologia e Instituto de Pós-Graduação, da Escola Superior de Teologia. Também é o coordenador do projeto Negritude na Bíblia e na Igreja desenvolvido nesta mesma Instituição. Ele especializa-se na área de Hermenêutica Negra

## Notícias de outras terras

Lurdilene da Silva\*

*"Vou voltar na primavera.  
Era tudo que eu queria.  
Levo terra nova daqui"*

Finalmente chegou o dia que tanto desejamos! O fim dos estudos na EST. Digo na EST, porque continuamos a aprender no decorrer do dia a dia. O fim glorioso dos estudos na EST, nos trás muitas alegrias, pois é sinal de que alcançamos nossos objetivos. Entretanto, sentimos também um pouco de tristeza, pois com o fim dos estudos chega também a saudade. Saudade da EST que nos acolheu por no mínimo cinco anos e meio, saudade d@s professor@s que se tornaram amig@s, que nos ensinaram e a quem poderíamos recorrer e pedir ajuda nos momentos de dúvida. Saudade também sentimos d@s amig@s que ouviram nossos desabafos, nossos problemas, nossas confissões e com quem compartilhamos nossos momentos de alegria. Por outro lado, a saída da EST nos enche de expectativas. Saímos com muitas idéias, muitos planos e sonhos que gostaríamos de realizar nas comunidades as quais fomos enviad@s. Saímos com disposição, vontade de trabalhar e fazer bom uso dos conhecimentos adquiridos. No entanto, sabemos que nosso sucesso não depende somente de nossa boa vontade, mas também

da disposição d@s membros das comunidades. Por isso, o frio na barriga, o medo do desconhecido, e até o Morro do Espelho e encarar o mundo das comunidades são sensações presentes e até normais. Saímos da EST, na esperança de um dia voltarmos e reencontrar @s amig@s. Saímos chei@s de terra nova, fertilizadas de conhecimentos e novos conceitos que adquirimos, pront@s para recebermos as sementes que serão plantadas pelas comunidades para as quais iremos. Sementes estas que servirão para nos animar, encorajar e prosseguir no caminho que escolhemos.

Que Deus possa nos abençoar nessa caminhada que iniciamos. Que possamos ser terra nova de esperança, renovação e fortaleza para as comunidades, e que estas possam ser as sementes de ânimo, de ensino e de ensino nesta nova caminhada que iniciamos. Abraços a todo o grupo de consciência negra da EST. Espero poder mandar mais notícias logo.

\* Lurdilene da Silva foi escolhida para falar em nome d@s formand@s de 1/01. Ela participava do Grupo de Negr@s da EST por enquanto ela cursou a Faculdade de Teologia e atualmente encontra-se realizando seu Período Prático de Habilitação ao Pastorado na IECLB, em Toledo/PR.

Trabalhar com a história d@s negr@s na época do Brasil colônia é uma tarefa laboriosa. Olhar para dentro dessa história e perceber as nuances existentes é uma tarefa árdua. Isto acontece principalmente ao abordar escritos como os de Vieira (neste caso, *XXVII Sermão do Rosário*), eloqüente orador que veio a legitimar a escravidão africana por meio da identidade entre escravo e preto. Este como “filho de Coré”, filho do calvário. Outro escritor, que está no mesmo nível de Vieira é Benci. Em *Economia Cristã dos Senhores no Governo de Escravos*, descreve a atuação dos senhores em relação aos escravos e como aqueles (senhores) deveriam proceder. Ambos os escritos descrevem a forma desumana com que os senhores castigavam os escravos e as condições em que @s escrav@s viviam. Tais relatos nos causam revolta e até mesmo decepção e vergonha dessa trágica história. Por outro lado, deve-se compreender que a escravidão, nessa época, era fato consumado e inquestionável.

Ao imergir na história social, econômica, política e religiosa do período colonial, qualquer que seja @ historiad@r, est@ sempre terá o presente como paradigma de leitura. Assim, terá sua relevância, se o estudo projetar para o futuro esperança de dias melhores, ou apresentar formas ou possibilidades que caminhem em direção a relações estáveis e correlativas na sociedade. A colonização portuguesa buscou estabelecer-se no “Novo Mundo” ocupando e explorando suas riquezas e submetendo seus habitantes originários. Não é de se admirar que a sociedade que se forma no Brasil tem suas raízes nas concepções clássicas e medievais de colonização e hierarquias: Estado e sociedade. O primeiro tinha o dever de controlar os relacionamentos da segunda que se dividia em: nobreza, clero e povo. Este tripé que forma a sociedade brasileira,

a nobreza desempenha um papel importante, pois é ela que vai estabelecer padrões de comportamento. Dedicar-se ao trabalho braçal e outras ocupações fica a cargo do povo. À nobreza cabia a fortuna, o domínio senhorial, a autoridade sobre dependentes, a promoção de linhagem, entre outros. Isto gerava *status* dentro da sociedade e era a meta a ser alcançada. Ter *status* mais elevado e um estilo de vida nobre, vai ser trasladado ao Brasil e perdurará por todo o período colonial. Desta forma, a sociedade brasileira reconhece e faz distinção social entre livres e escravos. Estes não teriam, pelo menos em princípio, honra, pois esta estava ligada ao *status*.

No afã de extrair e produzir mercadorias para abastecer as metrópoles européias, o Brasil receberá grande número de escravo africanos. Seu principal objetivo nesta terra é trabalhar. O trabalho também será o meio de organizar o escravo para que este não se rebelde e tampouco se torne mestre no ócio. Por outro lado, o trabalho é



um ato de piedade e graça recebida, sendo bem aproveitado, o escravo receberá a recompensa: a salvação. Em Vieira o trabalho escravo está associado à paixão e morte de Cristo. A paixão teve dois fins: remédio universal para todos e exemplo, que sem dúvida, é para @ escrav@. No sermão citado acima, Vieira, estabelece regras para que os escravos se conformem com seu estado. Cristo é o exemplo. Assim, o trabalho se torna santo e meio de martírio. Outra regra refere-se à obediência e ao padecimento com paciência. Aqui se junta o corpo. O corpo é a parte mais vil do escravo, enquanto a alma é nobre. Obediência aos senhores, sofrer na carne (corpo) os açoites e grilhões e submeter-se ao trabalho com muita paciência é cativo. Mas tudo isso é graça da parte de Deus. Desta forma, se adquiria a liberdade eterna. Este pensamento de Vieira impinge n@ escrav@ desprezo pelo mundo secular e pelo corpo. Este desprezo pelo corpo conjugado com o sofrimento é resgate da parte nobre: a alma. Benci será mais humanista que Vieira. Entende que em primeiro lugar deve-se dar o pão. O pão de cada dia inclui sustento e vestimenta. Sem o pão, a mão-de-obra não agüentará cumprir a sua obrigação. Há uma certa preocupação em torno do corpo que, de uma forma ou outra, culminará no controle dos escravos pelo trabalho. O trabalho é a norma que dá descanso ao senhor e afugenta a mãe de todos os males, o ócio. A exclusão da pessoa negra no discurso ideológico moralista de Benci se dá através da categoria de senhor e escravo. Uma vez escravo, sempre escravo, pois, como descendentes do pecado de Cam, jamais

estarão livres. Seu estado é de inteira sujeição. Em Vieira, a exclusão se dá na redução d@ escrav@ a um ser qualquer quando diz que a parte mais nobre que ele tem é a alma. O corpo é um mero instrumento para obter a salvação, sendo portanto incapaz de exercer outras funções seculares que não fossem o trabalho sofrido e a *imitatio Deo*. A partir dos padrões de cultura estabelecidos, é negado aos africanos o direito de *cultus*: "o que se trabalha sobre a terra; culto: enterro dos mortos; ritual em honra dos antepassados. A teologia européia (Vieira e Benci) justifica a escravidão e a Bíblia será a fonte que irá, paulatinamente, mostrar qual é o lugar d@ escrav@ e como ele deve se comportar. Textos bíblicos como: 1Pe 2.21, Mt 1.11, Ef 5.5, Rm 7.14, Ef 4.8, e tantos outros no Antigo e Novo Testamento irão colocá-l@ no devido lugar que lhe é atribuído dentro dessa sociedade.

@ negr@, paulatinamente, vai perdendo a sua alteridade e introjetando a idéia de que ser branco é o *status* a ser alcançado. Isto, porém, só é possível na alma, porque na epiderme será sempre negr@. O desafio hoje é perceber as nuances desta história e a partir dela desenvolver uma teologia que contemple a sua dor, sofrimento, seus ritmos e danças; que contemple o seu aparato imaginário-simbólico-religioso. Neste sentido, nem Vieira nem Benci foram capazes de se expressar. A fé cristã torna-se uma experiência com e do divino imposta e não proposta.

\* O autor, Adriano Otto, é estudante de teologia e neste semestre realiza seus exames de conclusão do curso.

## Possibilidades de uso da hermenêutica bíblica negra na IECLB

Günter Bayer | Padilla\*

Apesar de haver passado mais de cem anos desde a abolição da escravidão, foram tantos os anos desta que a sociedade ainda não tirou de seu inconsciente a "imagem" do

povo negro como escravo. @s branc@s ainda não tomaram consciência de que a chegada dos conquistadores na África foi um evento brutal, uma expressão do poder

da morte, que desrespeitou a vida, escravizou e exterminou as pessoas diferentes, contrariando a vontade do Deus da vida que luta contra todo tipo de opressão. @s negr@s, ao longo da história do Brasil foram marginalizad@s e esquecidas suas contribuições para o desenvolvimento do país. Isto provocou grandes diferenças sociais entre @s negr@s (desempregad@s, analfabet@s, sem-terra) e @s branc@s, que tem acesso à empregos, universidades e riqueza. Quando no século passado os imigrantes europeus pobres chegaram ao Brasil, não demoraram em aliar-se à classe dominante racista para começar a desfrutar dos benefícios oferecidos por esta sociedade. Os primeiros imigrantes luteranos vieram com a missão de branquear a raça, conservar as fronteiras, eliminar a população indígena e fornecer mantimentos para o exército. Esta atitude de tomar posse de um espaço que pertencia aos negros, evidencia o real objetivo da vinda dos imigrantes e também vai marcar profundamente as relações entre eles e o povo negro e, posteriormente, as ações da Igreja Luterana.

Percebe-se, que desde o início a Igreja Luterana teve a oportunidade de conviver com o povo negro. Porém, a convivência estava dificultada por vários motivos: preconceitos, estilo de vida, concepções religiosas e idioma. No entanto, algumas pessoas negras foram conquistando espaços nas comunidades luteranas, devido principalmente a sua insistência em louvar a Deus e servi-lo como o fez Miriã às margens do Mar Vermelho. Estas pessoas não saíram imunes desta conquista. Tiveram que passar por um processo de assimilação de costumes e idiomas, não próprios à cultura negra, que exigiu um despojar-se de sua negritude. Portanto, para uma mudança de mentalidade e atitude eclesial por parte da IECLB, há necessidade de desvelar a história do povo negro. Além disso, novos modelos hermenêuticos e de evangelização devem

ser apresentados para que se contribua com a missão da Igreja que é dar sinais do Reino de Deus nesta terra de cultura negra. Neste sentido, a Hermenêutica Bíblica negra (HBN) quer ser um instrumento que traz várias perguntas sobre a utilização da Bíblia na atualidade. @s membros da IECLB conhecem a Bíblia? Ainda existe uma visão européia de que Deus está somente ao lado d@s branc@s e os negr@s são sinônimo de pecado? Será que a Bíblia é um instrumento de discriminação? Ainda se pensa em Deus e Jesus como sendo "pessoas" brancas e de olhos azuis? Onde a IECLB está utilizando a Bíblia para ir ao encontro do povo negro? Quais as preocupações e projetos da IECLB em relação ao povo negro? A HBN quer abrir os olhos das pessoas para o diferente e quer convidá-las a refletir sobre a importância da história e experiência do povo negro na caminhada do povo de Deus, pois Ele mesmo escolheu caminhar com e libertar da escravidão o povo negro para torná-lo também seu povo eleito. Portanto, resgatar a negritude e desconstruir interpretações racistas dos textos bíblicos é de suma importância para HBN. Somente assim ela poderá resgatar o valor cultural e religioso negros para a fé cristã na atualidade e proporcionar a comunhão entre as diferentes etnias. Sendo assim, a HBN traz novas possibilidades de se utilizar a Bíblia como uma semente para uma nova concepção de fé e de ser igreja.

O povo negro, com os elementos da HBN, percebe que os relatos bíblicos estão



Ellis Wilson, Fishermen's Wives"

impregnados de suas experiências históricas, míticas, culturais e religiosas. Por isso, se apropria dos eventos narrados pela Bíblia e reconhece que Deus se aproximou dele como se aproximou de Israel no Êxodo, para lutar pelo direito à liberdade. A HBN não quer criar uma idealização do povo negro, mas quer sim valorizar a cultura negra, resgatar as heranças religiosas e culturais que este povo deixou para a humanidade e destruir qualquer possibilidade de opressão e discriminação. Assim, se pode conhecer melhor o mundo bíblico e o agir salvífico de Deus, transmitindo-o de forma mais isenta de preconceitos, com o objetivo de criar uma igreja acolhedora, diaconal, integradora e fraterna. Sabe-se que a IECLB possui profundas raízes européias e que suas comunidades são majoritariamente brancas. A IECLB está localizada em um país onde mais da metade da população é negra ou carrega traços africanos. Se a IECLB realmente quiser ser uma igreja que tenha aspectos brasileiros terá que saber acolher as diferentes culturas que compõem a população deste país com respeito e, assim, possibilitar espaço celebrativo para os diferentes costumes e expressões de vida para dentro dos cultos e da vida comunitária.

## Você sabia?

- Que entre 1º e 7 de setembro se realiza em Durban, na África do Sul, a 3º Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância? Que 153 países estarão lá representados e que a comitiva brasileira terá 45 delegados? Você sabia que o Brasil é o país com a maior população negra fora do continente africano? Pense nisto.

- Que em 30 de abril de 1830, morria na pobreza absoluta José Maurício Nunes Garcia? Que ele, filho de um mulato liberto e de uma escrava aos 12 anos já ensinava música? Que após a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808 ele tornou-se predicador oficial da corte e inspetor da

Neste tarefa, o emprego de aspectos da HBN pode dar grande contribuição para se respeitar as diferentes expressões culturais reunidas no culto e na história salvífica de Deus e na humanidade.

Importante é que na IECLB surjam espaços onde o povo negro possa participar ativamente e manifestar sua religiosidade e cultura sem primeiro ter que passar por um processo de embranquecimento. Neste sentido, o testemunho evangélico luterano precisa manifestar que todas as pessoas são filh@s de Deus e resgatar a religiosidade negra e elementos de sua cultura nas celebrações cristãs. Além do culto, a HBN pode ser uma chave que abra a porta para a pastoral da IECLB com o povo negro: estudo bíblico, coral e edificação de comunidade; também poderá ajudar a criar espaços para o povo negro nos cargos deliberativos da Igreja. Talvez a HBN, auxiliando a IECLB na descoberta da Bíblia como berço negro da fé, possa, assim, dar um novo axé para seu ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil.

\*Este artigo encerra a série de três, escritos por Günter sobre HBN. O autor é bacharel em teologia e atualmente realiza seu Período Prático de Habilitação ao Pastorado em Ceilândia/DF.

Capela Real? Mais sobre ele você saberá no próximo Identidade.



2009052